

POESIA SLAM: VARIEDADE LINGUÍSTICA, ARTE DE RESISTÊNCIA, FALARES NORDESTINOS E AFRICANOS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO - DIÁLOGOS EM SALA DE AULA

Fabiana Costa de Sousa¹
J. B. P. S.²
M. G. T. S.³

RESUMO

Neste artigo, os autores revisitam conceitos e elementos centrais da manifestação artística “Poesia Slam”, apresentando algumas variedades linguísticas presentes nas batalhas de poesias de *slammers* nordestinos e como expressões afro-brasileiras representam a luta de resistência desses poetas na estruturação de suas identidades. Objetivando refletir sobre as variedades linguísticas nordestinas e os falares afro-brasileiros presentes na *Poesia Slam* e como essas características linguísticas são influenciadas pela luta de resistência desses poetas e possibilitam, como gênero textual-oral, levar essa experiência para a sala de aula. Na sequência, trazem a proposta da utilização desse gênero textual-oral no contexto escolar, num processo de construção de diálogos promotores de letramento. Dessa forma, há uma aproximação da experiência artística e de resistência fora da escola para dentro desta, abrindo possibilidades de aprendizagens compartilhadas, considerando contexto, enfrentamentos, conquistas significativas e variedades do português brasileiro. A proposta teórico-metodológica teve como foco a análise sociolinguística do *poema-slam* intitulado, “Mas é tudo a mesma merda esse tal de nordestino?”, da *slammer* pernambucana Bell Puã, disponível no YouTube. Baseando-se nos estudos de Basso (2019), Mussalim; Bentes (2012); Coelho (2018); Antunes (2003), Bortoni-Ricardo (2004), Pessoa de Castro (1977) e Mendonça (2012), entre outros teóricos. As análises apontam que existe no uso da fala do eu-lírico marcas de oralidade que revelam fatores sociais presentes nas falas de nordestinos, além de expressões oriundas dos povos africanos como marcas de identidade de luta e resistência.

Palavras-chave: Poesia slam, Português brasileiro, Gênero textual, Resistência, Variedades linguísticas.

INTRODUÇÃO

Entende-se por linguagem tudo aquilo que estabelece comunicação de forma verbal e não-verbal. A exemplo de não verbalização tem-se a língua brasileira de sinais para surdos – LIBRAS, o BRAILE para deficiente visuais, os gestos de forma generalizada, as cores que representam os sinais de trânsito, etc. Quanto à linguagem verbal é importante externar que existem dois tipos: escrita e oral. A primeira concerne, principalmente, à norma culta de uma língua, enquanto a segunda representa o coloquialismo ou a linguagem popular de uma nação,

¹ Mestranda em Letras pela UEMASUL/MA – Linha de Pesquisa Linguagem, Memória e Ensino, fabiana.costadesousa09@mail.com;

² Mestrando em Letras pela UEMASUL/MA – Linha de Pesquisa Literatura, Diálogos e Saberes, joasilva@uemasul.edu.br;

³ Professora orientadora: Doutora, UEMASUL - MA, maria.silva@uemasul.edu.br.

incluindo seus dialetos, suas expressões típicas de cada região, grupo social, faixa etária, etc. A língua oficial de um país surge do esforço de formalizar e unificar essas falas populares para que haja padronização.

Porém, mesmo existindo essa tentativa de padronizar a língua, por diversos motivos existem variedades linguísticas. O Brasil - país de dimensões continentais, rico em miscigenação e pluralidade cultural - é um exemplo possuidor de muitas variedades linguísticas. Em sua maioria, essas variedades são desprezadas a favor de um preconceito linguístico que valoriza apenas a norma culta.

Na escola, os gêneros textuais mais valorizados no ensino de língua materna são aqueles que contemplam a variedade padrão, enquanto que gêneros orais que apresentam a linguagem popular são até mencionados, mas poucos explorados, como o Cordel, o Repente e o Slam Poetry. Este último gênero textual-oral, a Poesia Slam, vem ganhando espaço nas ruas do Brasil desde 2008 e chegando às escolas de forma tímida, porém ao mesmo tempo avassaladora – explica-se a antagonismo de termos da seguinte forma: ao mesmo tempo que se espalha lentamente no território brasileiro, onde chega consegue adeptos fiéis desse tipo de poesia.

Por meio das batalhas de poesias os envolvidos nas competições poéticas exploram seu repertório verbal de palavras falando a poesia – muitas vezes, no improviso, ressaltando seus sotaques e variedades linguísticas. Essas poesias são faladas como se fossem batidas em suas sonoridades e exploram temáticas de resistência sobre negros, nordestinos, favelados, preconceito, feminismo, direitos, etc.

Este trabalho de pesquisa sociolinguístico pretende contribuir com o ensino de Sociolinguística na educação básica, além de alcançar uma temática ainda não explorada pelos estudiosos da fala: demonstrar as variedades do português brasileiro presentes na poesia de resistência Slam Poetry, quanto aos falares nordestinos e afro-brasileiros, bem como inferir que esse tipo de poesia como gênero textual-oral deve ser mais explorado em sala de aula no ensino de língua materna.

A escola, ao envolver seus alunos com o ensino da Poesia Slam, demonstra valorizar a língua falada desses indivíduos. Valoriza a cultura, a singularidade do falar individual, regional e de grupos sociais. Além de dar voz às reivindicações sociais e políticas como resistência ao preconceito de cor, xenofobia e à luta feminista. A maioria é de origem negra e da periferia, porém cresce o número de mulheres slammers no Brasil. A partir dessas inserções teóricas e reflexivas, chegou-se à seguinte questão-problema: Como as variedades linguísticas nordestinas e os falares afro-brasileiros presentes na Poesia Slam, que são influenciadas pela luta de resistência dos poetas, podem contribuir com o ensino de Língua Portuguesa?

Com as motivações interrogativas, permitiu-se considerar como objetivo deste artigo refletir sobre as variedades linguísticas nordestinas e os falares afro-brasileiros presentes na Poesia Slam e como essas características linguísticas são influenciadas pela luta de resistência desses poetas e possibilitam, como gênero textual-oral, levar essa experiência para a sala de aula.

Para alcançar o objetivo geral deste estudo, delineou-se alguns objetivos específicos: Definir o que é *Poesia Slam*, qual o seu propósito como arte de poesia como e onde surgiu; Observar as variedades linguísticas: falares nordestinos e afro-brasileiros na Poesia Slam Bell Puã; Demonstrar a importância de abordar o gênero textual-oral *Poesia Slam* na sala de aula no ensino de Língua Portuguesa.

A proposta teórico-metodológica foca-se na análise sociolinguística do poema-slam intitulado "Mas é tudo a mesma merda esse tal de nordestino?", da slammer pernambucana Bell Puã, disponível no YouTube, cuja a finalidade é básica pura, por se propor apenas a aprofundar uma lacuna de conhecimento na área da linguística, especificamente da fala.

Quanto à abordagem, esta pesquisa é qualitativa por demonstrar grande influência nos procedimentos adotados, bem como em seu pesquisador, pois este coletou pessoalmente os dados a serem analisados da Poesia Slam estudada e selecionada para este estudo, portanto, ele é instrumento fundamental e utilizou múltiplas fontes de dados como livros, artigos, periódicos, vídeos, notícias, etc; além de ter utilizado "lentes teóricas" para analisar o fenômeno analisado e baseou-se em conceitos de cultura, sociedade e história da formação do território brasileiro (CRESWELL, 2010).

Quanto aos procedimentos, esta pesquisa é bibliográfica por se basear em material já publicado com a finalidade de ajudar nas análises da poesia falada, como livros e artigos de periódicos. Também é documental, porque utiliza como material para análise e aprofundamento um vídeo coletado de um canal da mídia digital Youtube (GIL, 2010). O objetivo geral desta pesquisa faz com esta seja classificada como exploratória por considerar os variados aspectos do fenômeno linguístico estudado, apoiando nas teorias da mudança linguística e variacionista de Labov.

A organização desta pesquisa está em seções que se intitulam da seguinte forma: a introdução, na qual são inferidas reflexões gerais acerca do conceito de língua, linguagem, o gênero Poesia Slam, o problema que motiva a pesquisa, justificativa, objetivo, metodologia e organização do artigo. O segundo capítulo intitulado "Poesia falada e arte de resistência", onde são discutidas a fundo o gênero Poesia Slam, sua origem, chegada e repercussão no Brasil; terceiro capítulo – "Variedades linguísticas na Poesia Slam: falares nordestinos e afro-

brasileiros na poesia de Bell Puã”; quarto capítulo – “A Poesia Slam em sala de aula”; em seguida, um capítulo que traz as considerações finais acerca dos resultados encontrados, limitações da pesquisa e contribuições para pesquisas futuras e por último, as referências bibliográficas que ajudaram na construção desta pesquisa.

A introdução deverá conter resumo teórico sobre o tema, apresentação da pesquisa, justificativa implícita, objetivos, síntese metodológica e resumo das discussões e resultados da pesquisa, além de apresentar uma síntese conclusiva acerca do trabalho desenvolvido.

POESIA FALADA E ARTE DE RESISTÊNCIA

Em Chicago, Estados Unidos, na década de 80, surgiu um jeito diferente de fazer poesia: Slam Poetry. Poesia marginalizada, pois surgiu nos guetos e nas favelas da então cidade de origem. Slam vem de batida, fazendo referência ao Baseball e ao Basketball e ao mesmo tempo remete às batalhas ou competições. Assim, surge essa poesia falada pelo povo que ficava à margem da sociedade de Chicago. Em sua maioria, negros e mulheres à margem dos seus direitos e vítimas de diversos preconceitos - essa população tinha temáticas fortes para suas poesias. Faziam-se rodas e um a um ia ao centro “soltar o grito” que vinha de suas dores e mazelas sociais sofridas: estupro, racismo, falta de emprego, preconceito, entre outros.

A partir de Chicago o que era improvisado de fala poética e performance, tornou-se competições espalhadas pelo mundo inteiro, inclusive no Brasil. Essas competições são registradas, são grandiosas e a cada dia têm mais adeptos à modalidade de poesia. No Brasil existem competições escolares, municipais, estaduais, regionais e nacionais. Os ganhadores nacionais vão para o mundial. A França, hoje, é o país que possui uma estrutura mais organizada do movimento Slam. O Brasil conheceu essa modalidade de gênero textual-oral em 2008 e vem crescendo bastante.

Várias competições são importantes para a fundamentação do movimento de poesia falada nas terras brasileiras, dentre estes: ZAP – Zona Autônoma da Palavra; Slam da Guilhermina e o evento nacional SLAM BR. Além desses espaços encorajadores de competições de Slam Poesia, existem outros como as praças, festivais culturais, intervalo de aulas nas escolas, nos quais são retratadas temáticas atuais do dia a dia do jovem brasileiro: questões de gêneros, feminismo, política, ideologias, direitos, inclusão, etc.

Nessas competições, cada slammers tem até três minutos para falar a sua poesia, esta pode ser decorada depois de escrita para ser falada posteriormente, desde que seja de autoria do próprio competidor ou pode ser improvisada.

Por este motivo, tornou-se um gênero textual-oral que pode e deve ser explorado pelo ensino de língua materna no incentivo da oralidade de sua escrita. Nesses espaços de competições, as poesias faladas não podem ser julgadas por normas gramaticais, pois predomina a oralidade, o jeito próprio de falar de cada slammers, seus dialetos, expressões e “falhas” linguísticas e extras-linguísticas. Não pode ser usado nenhum instrumento musical para acompanhar a poesia e isso o torna diferenciado de outro gênero textual-oral típico do Nordeste – o Repente, já que este utiliza o instrumento pandeiro. Por ser falada, esse tipo de poesia apresenta marcas da oralidade que são individuais, pois a fala é individual, enquanto a língua é social.

Da mesma forma, a fala é heterogênea e a língua é homogênea. Essa característica de heterogeneidade da fala é que a torna objeto de estudo da Sociolinguística, porque é no contato de uso da língua em situações de interações sociais que a língua sofre mudanças e, portanto, variabilidade (Mussalim; Bentes, 2012). É nesse ponto de interação da oralidade que a Poesia Slam acontece, carregada de marcas ou fatores sociais que influenciam na fala de cada falante/slammers.

VARIEDADES LINGUÍSTICAS: FALARES NORDESTINOS E AFRO-BRASILEIROS NA POESIA SLAM DE BELL PUÃ

A história de formação do português brasileiro - PB é marcada por diversos mitos e um deles é de que está associada à “descoberta” do Brasil em 1500, porém estudos linguísticos que aprofundam a gênese do português brasileiro afirmam que foi a partir da formação da Vila de São Vicente, futuramente a cidade de São Vicente em São Paulo, primeira cidade do Brasil, que o português brasileiro começou a ganhar forma com o povoamento do território.

Logo, a formação do PB está ligada ao povoamento do Brasil, que se deu principalmente por questões econômicas visionadas por Portugal. Renato Miguel Basso (2019) em seu livro “Descrição do português brasileiro” relata que Regiões litorâneas foram privilegiadas nesse processo de formação por facilitar a ancoragem de navios. Porém, o interior da nação também foi povoado com interesses econômicos motivados pela procura do ouro e da prata. Essa exploração foi mais lenta que o litoral, mas aconteceu.

Nesse processo de exploração e povoamento do território, nas áreas litorâneas, foram mais utilizadas o português de Portugal, enquanto que no interior do país, os exploradores tiveram que buscar aprender as línguas dos nativos e adaptaram essa diversidade de línguas ou dialetos dos indígenas em uma língua que foi chamada de “língua geral”, que foi uma política

de língua adotada pelos colonizadores, duas delas se destacaram: “língua-geral paulista” e “língua-geral amazônica” e os jesuítas foram fundamentais na sistematização dessas línguas-gerais (BASSO, 2019).

Essa descrição da formação do português brasileiro só pode ser compreendida por meio dessa política de povoamento com intuítos econômicos. No decorrer desse povoamento os portugueses tiveram contato com diversos povos indígenas, aprenderam o que acharam conveniente, exploraram e também mataram muitos índios pelo fato deles não se renderem à exploração. Por conta desse último fator, Portugal trouxe muitos africanos que foram escravizados aqui no Brasil e esse contato com povos africanos também rendeu assimilação de muitas palavras oriundas desses nativos (Basso, 2019).

É assim que o português falado no Brasil vai se formando: a partir dessa diversidade de povoamento e dessa diversidade linguística. Outras línguas também tiveram contato com a formação do território brasileiro, como o alemão, espanhol e o italiano, porém se destacam as línguas e dialetos indígenas e os africanos em contato com o português de Portugal. O Brasil, por ter essa complexa história de formação e povoamento, tem uma diversidade linguística que se aplica a sotaques, dialetos e expressões que diversificam a língua e variedades linguísticas em todo território, que por diversos fatores são justificados como a exemplo: econômico, escolaridade, região, idade, gênero, profissão, tempo/história, etc.

Coelho (2018) afirma que a língua varia e essas mudanças estão relacionadas a fatores presentes na sociedade. A partir dessas inserções compreende-se que ao analisar uma “fala” deve-se levar em conta todos esses fatores extralinguísticos que estão ligados à interação social dos falantes.

A POESIA SLAM EM SALA DE AULA

O domínio de diversos gêneros textuais deve fazer parte das estratégias de ensino de língua, afinal, eles fazem parte do dia a dia de todos os indivíduos e é na interação com os outros que se desempenha a circulação de todos eles, sejam escritos ou oralizados. O ensino de língua materna deve promover esse diálogo e aprendizagem dos diversos gêneros, afinal, os gêneros demonstram a riqueza da língua de uma nação, conhecimento de mundo, práticas sociais e acervo cultural (ANTUNES, 2009).

A escola que rejeita a ideia de construir identidade, cultura, história, conhecimento linguístico e literário por meio do estudo dos gêneros textuais, na verdade, está negando a construção de conhecimento demonstrados pelos gêneros orais e escritos, além de não permitir

que esse aluno compreenda que sua realidade faz parte de um vasto “comportamento social”. É a partir dessa realidade comportamental que os gêneros evoluem, pois acompanham as necessidades linguísticas orais e escritas da sociedade.

Com isso, temos a carta, que com o passar dos anos deixou de ser um gênero textual muito utilizado pela sociedade para ser substituído pelo e-mail, na qual acompanhou o ritmo de uma sociedade que se digitaliza cada vez mais. Esta tem sido a realidade de muitos gêneros textuais orais e escritos que evoluem ou deixam de existir. Olhando para esse confronto de existir, deixar de existir ou evoluir, pode-se olhar com profundidade para os gêneros textuais digitais que são marcas reais da realidade atual dos gêneros textuais, mas têm-se outros gêneros que mesmo não sendo digitais acompanham a evolução da sociedade demonstrando mudanças e necessidades desta para o seu tempo atual.

A sociedade atual grita por liberdade de expressão e pela luta de direitos de minorias e ou reafirma direitos conquistados, porém nem sempre aplicados na prática. A Poesia Slam é um exemplo de gênero textual que acompanha a realidade comportamental e social dos indivíduos. Nesse tipo de poesia, conforme já foi mencionado nesse artigo, são falados os direitos e as lutas de quem se sente oprimido (a) pela sociedade por ser homossexual, negro, nordestino, transsexual, gordo, magro, denúncia da falta de oportunidades de emprego, violência contra as mulheres, o preconceito por quem é favelado, etc.

A Poesia Slam está dentro das possibilidades e maneiras de uma parcela da sociedade afirmar que existe, está viva e se mantém resistente a todo tipo de violação dos direitos humanos. A fala ritmada ecoa um grito de liberdade e essa fala é marcada por identidades e valores culturais.

Todas essas afirmações são reiteraões da importância de se trabalhar dentro da sala de aula o que o aluno já está acostumado a vivenciar fora dela, é uma demonstração de valorização da “língua falada” por estas pessoas e ao mesmo tempo uma extensão aos que não convivem com o gênero e as realidades retratadas na Poesia Slam. Construir o ensino de língua materna pautadas nesses requisitos é também desconstruir a ideia de “certo” e “errado” continuadas pelas práticas do preconceito linguístico.

Cada gênero textual; cada forma de se expressar escrita ou oralmente, deve ser orientada para a significação do conceito de “adequado” ou “inadequado”, conforme a formalidade ou não formalidade situacional do ato de fala ou escrita. Muitas vezes essa rejeição à oralidade na sala de aula é entendida como “espaço para violação de regras da gramática, concentrando-se, assim, no ambiente escolar, em gêneros textuais escritos, pois este tipo de linguagem privilegia

a norma padrão, com isso, criando a falsa ideia de que existe apenas um modelo de língua a ser seguido e repetido dentro e fora da escola (ANTUNES, 2003).

Pode-se mencionar a importância de se trabalhar gêneros orais e escritos, a dar um destaque aqui para o Slam Poetry ou Poesia Slam, que também são destacados nos documentos que regem a educação brasileira, a mencionar a Base Nacional Comum Curricular - BNCC (2018) que estabelece algumas orientações acerca dos gêneros textuais orais enfatizando as suas variedades linguísticas para o ensino de leitura, escuta e produção de textos.

Todas essas orientações também apontam para a análise desses textos orais, considerando seus contextos e a forma de composição. Também a BNCC (2018) afirma que é importante “diversificar ao longo do ensino produções de culturas contemporâneas” e cita o Slam como exemplo, além de instigar, em outro momento, a relevância de incentivar os alunos a participarem dessas práticas discursivas culturais atuais e também a produzi-las.

Bortoni-Ricardo (2004), afirma que:

Na sala de aula, como em qualquer outro domínio social, encontramos grande variação no uso da língua, mesmo na linguagem da professora que, por exercer um papel social de ascendência sobre seus alunos, está submetida a regras mais rigorosas no seu comportamento verbal e não-verbal (Bortoni-Ricardo, 2004, p. 25).

Em todas as esferas e contextos sociais existem diversidades linguísticas que demonstram que estas variações estão presentes em situações de formalidade ou não, a sala de aula é o ambiente apropriado para se estudar e valorizar essa diversidade linguística. Não existe língua ou jeito de falar superior.

Perpetuar esse mito na escola é dar continuidade ao preconceito linguístico, na qual Bagno (2007) em seu livro *Preconceito Linguístico*, conjectura que é preciso lutar contra esse preconceito a favor de uma mudança de atitude, valorizar o falar do falante brasileiro e deixar de lado a ideia de que “brasileiro não sabe português”. O próprio autor do célebre livro enfatiza que a língua é viva e dinâmica, não é fechada como a gramática deseja. Portanto, se a língua é viva, o ensino de língua materna deve representar a dinamicidade desta.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em, "Mas é tudo a mesma merda esse tal de nordestino?", Poesia Slam da slammer nordestina Bell Puã é possível constatar a diversidade linguística do português brasileiro e também traços dessa herança de formação territorial e linguística. O vídeo de poesia falada

Slam analisado neste artigo consta no YouTube, canal Manos e Minas; na qual apresenta, até a conclusão deste trabalho científico, cerca de 5,3 mil visualizações (cinco mil e trezentas visualizações).

A poeta slammer é a Bell Puã, formada em História pela Universidade Federal do Pernambuco – UFPE e campeã da competição nacional de Poesia Slam em 2017 – SLAM BR 2017. Bell Puã, começa sua narrativa de poesia falada dizendo: “De onde eu vim derramo muito orgulho, mas vocês tão ligado que o que nós chama Nordeste, na real, foi inventado...”. Neste primeiro trecho de sua poesia, o eu lírico expressa sua “revolta” por meio da oralidade e esta, por si mesma traz diversas marcas que podem ser analisadas pela ótica da sociolinguística.

No verbo “derramar” e “inventar” em suas conjugações foram proferidas, nas vogais finais com a pronúncia de “u”. Algo semelhante ocorre na conjugação do verbo “estar” que é abreviado para “tão”, formação linguística muito utilizada no coloquialismo e também classificado como fenômeno linguístico que marca o aspecto fonético conhecido como Aférese. No campo da concordância verbal, o verbo “ligar” foi conjugado em gênero adequadamente, porém em número foi conjugado no singular “ligado”. O mesmo fator de concordância ocorreu com o verbo “chamar” ficando “chama” pontuando um aspecto de mudança linguística sintático. Essa ausência do fonema /S/ trazendo uma outra marca sonora /Ø/ apresenta uma variação linguística explicada por fatores econômicos e até escolares (Mussalim; Bentes, 2012).

A Poesia Slam continua: “...Por quê tu, paulista, não se considera sudestino? Mineiro, carioca tem identidade própria, mas é tudo a mesma merda esses tal de nordestino? Só para começo de conversa: Nordeste tem nove estados, nem vem dizer que não sabia. Sul e Sudeste tem IDH massa, mas não tem aula de geografia?”. Neste trecho a pronúncia do eu-lírico representa algumas particularidades: prefere a segunda pessoa “tu” como tratamento com o interlocutor, ao invés de “você”. Na palavra “sudestino”, ocorre assimilação vocálica do “o” com “u” na oralidade.

O verbo “ter” não foi pronunciado com referência à pluralidade dos substantivos/sujeitos compostos da oração. Apresenta a utilização das expressões “tal” e “massa” como linguagem coloquial de grupos periféricos da sociedade. Várias palavras dentro da Poesia Slam proferida pela poeta Bell Puã trazem marcas linguísticas de assimilação vocálica, como: “oxe” – “oxi”; “ataque” – “ataqui”. Como expressões africanas podem ser citadas, nesta poesia, as seguintes: “Exu”; “Zumbi” e “maracatu”. Outras expressões não são necessariamente de origem africana, mas possuem como principais falantes os negros das favelas e guetos de todo Brasil, como “mina”; “êta carai” e “massa”.

De acordo com Mendonça (2012)

Língua e raça formam dois elementos que têm evolução paralela a ponto de serem muitas vezes confundidos⁹⁷. Como o negro fundiu com o português e do consórcio resultou o mestiço, pareceria lógico que este mestiço falasse um dialeto crioulo ... O

negro influenciou sensivelmente a nossa língua popular. Um contato prolongado de duas línguas sempre produz em ambos fenômenos de osmose. (Mendonça, 2012, p. 79 e 80).

Não tem como duas línguas se encontrarem, conviverem e não se fundirem. Muitas são as heranças dessa fusão, dentre elas, pode-se mencionar a vocalização do lh para y, por exemplo nas palavras palha – paya e galha – gaya. Bell Puã é pernambucana da cidade de Recife, nordestina, negra e poetisa. Usa a Poesia Slam como voz na luta pelo preconceito, seja ele qual for.

Em seu poema falado intitulado “Mas é tudo a mesma merda esse tal de nordestino?” ela revela a sua representatividade na luta contra o preconceito direcionado aos nordestinos e utiliza muitas palavras e expressões que são tipicamente do Nordeste, a citar: “misericórdia”; “minha fia”; “Paraíba”; “Capiba”; “morena tropicana”; “painho”; “Mombojó”; “Miró da Muribeca”; “Coco de roda”; “Brega”. Algumas dessas palavras representam artistas pernambucanos como “Capiba”; “Mombojó” e “Miró da Muribeca”. Miró era um poeta de rua que muito também representou a luta dos negros em suas poesias. Além dessas expressões africanas e nordestinas, tem-se ainda nessa Poesia Slam expressões indígenas que enriquecem consideravelmente a poesia falada, mostrando uma diversidade linguística: “Beberibe” e “Itamaracá”.

É nesse universo de diversidade linguística que se reflete que esta forma de falar pode ser um posicionamento ideológico, talvez proposital pelo fato de que o Nordeste representa ainda um grande número de analfabetos no percentual total do Brasil, embora a educação muito tenha avançado no território nordestino, segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua) 2019.

Puã, pode proposital ou não, usar a “fala” de um povo, de forma generalizada para provar seu orgulho de ser nordestina e demonstrando que não importa o modo como é “falado”, pois se há comunicação, então, é aceitável em seus contextos, formalidades e informalidades. Não são apenas as pronúncias que revelam o “orgulho”, as expressões fortalecem a cultura e a luta de todo nordestino, afinal querem ser valorizados e na história do povo do nordeste tem muito preconceito, luta, racismo, machismo e artistas desvalorizados.

Yeda Pessoa de Castro (1977), estudiosa da influência de línguas africanas na língua portuguesa aponta que durante três séculos foram mais de 4 milhões de negros trazidos para o território brasileiro como escravos. Em todo esse tempo de convivência, muitos foram os descendentes destes povos africanos que geraram mais ou menos um percentual de mais de 60% da população que eram mestiços e negros. A mulher negra teve grande influência não só

na fusão de raças, mas na origem dessa nova fala, que futuramente, se tornou o que hoje é o português brasileiro.

Ajudou, principalmente, porque estava no ambiente doméstico, entre os senhores da casa do colonizador. Bell, poetisa slammer, revela que sua poesia é mais que construção de palavras; é resistência, luta, dor, orgulho e utiliza sua forma de falar para dar voz a todas essas lutas. Incorpora a diversidade linguística de seu estado e região e “grita” para o mundo sua identidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo se propôs refletir sobre as variedades linguísticas nordestinas e os falares afro-brasileiros presentes na Poesia Slam e como essas características linguísticas são influenciadas pela luta de resistência desses poetas e possibilitam, como gênero textual-oral, levar essa experiência para a sala de aula.

Tal objetivo foi alcançado, além de possibilitar infinitas reflexões e análises que podem ser continuadas com futuras pesquisas que relacionam a fala o gênero textual Slam Poetry ou Poesia Slam e a sua importância no contexto fora e dentro da sala de aula como estímulo da aprendizagem dos gêneros orais no ensino de língua materna. O gênero textual Poesia Slam é força linguística de resistência, de luta e de identidade cultural. A poeta slammer Bell Puã é um exemplo claro de como a língua é viva e fruto de uma sociedade que se atualiza na busca de novas formas de expressões.

Sociolinguisticamente, a Poesia Slam foi analisada e algumas características do português brasileiro falado foram percebidas demonstrando, principalmente, falares nordestinos e africanos. Observou-se a necessidade do ensino de Língua Portuguesa valorizar, demonstrar a riqueza e a diversidade linguística presentes nos gêneros textuais orais contemporâneos como forma de desconstruir o preconceito linguístico e dar voz aos sujeitos sociais.

REFERÊNCIAS

AUTRAN, Gabriela. **Conheça Bell Puã, a voz poderosa do Slam pernambucano**. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/conheca-bell-pua-voz-poderosa-do-slam-pernambucano/>>. Acesso em 20 de agosto de 2022.

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: interação e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

_____. **Língua, texto e ensino: outra escola possível**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Básica. **Base Nacional Curricular Comum**. Brasília-DF: MEC/SEB, 2018.

BASSO, Renato Miguel. **Descrição do português brasileiro**. 1 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2019.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola, 2004.

CASTRO, Yeda Pessoa de. **Influências de línguas africanas no português do Brasil e níveis socioculturais de linguagem**. Educação, Brasília, v.6. 1977.

COELHO, I. L., GÖRSKI, E. M., SOUZA, C. M. N. e MAY, G. E. **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2018.

COSTA, Vicente. **Slam Poetry – Batalhas de Poesias**. Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <<https://www.sescrrio.org.br/noticias/cultura/slam-poetry-batalhas-de-poesia/>>. Acesso em 20 de agosto de 2022.

CRESWELL, John W. **Questões e hipóteses de pesquisa**. In: _____. *Projeto de Pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2010.

IBGE, Educa Jovens. **Conheça o Brasil – população e educação**. Disponível em: <<https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca--brasil/populacao/18317-educacao.html#:~:text=A%20Regi%C3%A3o%20Nordeste%20apresentou%20a,ambas%20com%203%2C3%25>>. Acesso em 20 de agosto de 2022.

MENDONÇA, Renato. **A influência africana no português do Brasil**. Brasília: FUNAG, 2012.

MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Ana Christina. **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. 8 ed. São Paulo: Cortez, 2012.